

O ESPECTRO

NUMERO 55 — II ANNO 1889

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes..... 320

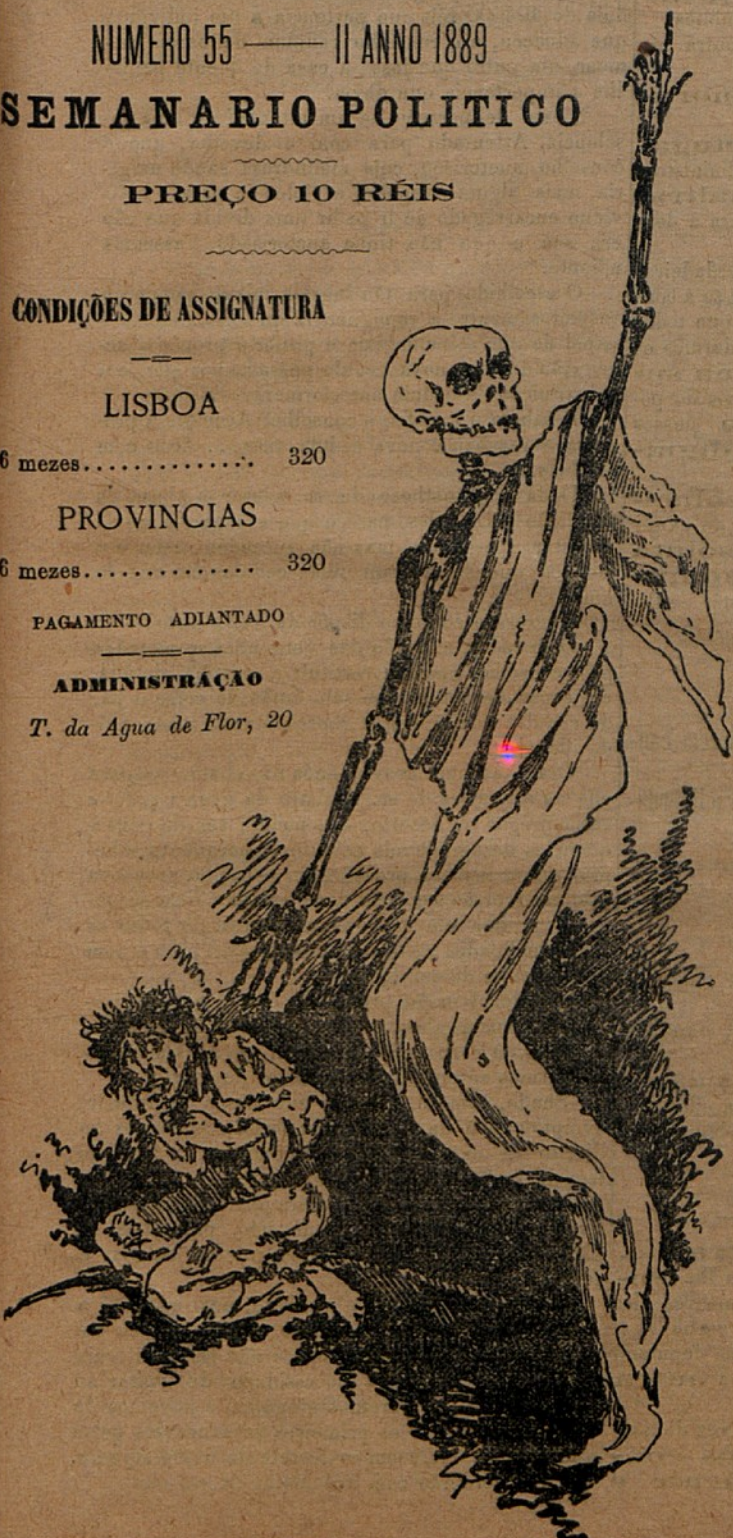
PROVINCIAS

6 mezes..... 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20



A REVOLUÇÃO NO PORTO

São atterradoras as noticias que recebemos do Porto, e tão atterradoras que oxalá que a estas horas os **sicarios** do governo não tenham victimado bastantes individuos por quererem reagir contra a marcha **infamissima** do actual governo.

Está o Porto em estado de sitio, os filhos da nobre cidade estão a esta hora a luctar contra as **prepotencias do governo**, que deu protecção escandalosa á **Companhia Vinicola do Norte** para arruinar completamente o commercio livre dos vinhos.

O commercio dos vinhos **fechou** os seus estabelecimentos e mais de **12:000 operarios** estão a estas horas sem ganhar e sem terem com que sustentar as suas familias.

Temos a **revolução** e a **fome** no Porto, e quem sabe se amanhã todo o norte se não revolucionará contra tanta **desmoralisação** e contra tanta **fraqueza** da parte do Rei.

Os cofres publicos **roubados!**

A **corrupção** está no seu auge!

As **dividas perdidas** pagas como **boas!**

As **mulheres** dos **ex-ministros** que outr'ora mal tinham para o sustento do seu **ménage**, já hoje compram pratos da **India** a **300\$000 réis!** e **parelhas** de cavallos a **2:000\$000 réis!**

Os **ex-ministros** já não **rebatem** os seus **ordenados** a **4 por cento** ao **mez**, porque os **syndicatos** lhes tem dado com que elles **comprem acções** de **companhias poderosas!**

O **presidente do conselho** a troca de concessões que fez a um titular, já conseguiu que este lhe fizesse **testamento!**

Eis o triste sudario das **infamias governamentaes!!!**

Enchem-se os syndicatos.

Roubam os ministros.

Fazem compras principescas as **esposas** de ministros.

Arranjam-se testamentos.

Sobrecarrega-se o povo de impostos.

E tem-se o **Rei coacto**, ou **tira-se-lhe a saude** para que elle se não possa oppor á **orgia governamental.**

A estas horas os nossos irmãos no Porto, estão cumprindo o seu dever para reconquistarem as regalias que a Carta Constitucional lhes dá, e que o governo lhes **tirou.**

A estas horas ouve-se no **Porto** os lamentos dos filhos, que pedem pão aos paes, sente-se a lu-

cta dos homens de bem que querem reconquistar a liberdade que o governo lhes roubou.

Um **governo devasso** que tem vivido da infamia, não pôde cahir sem se saciar primeiro no **sangue das victimas** que a sua mal-dade e o seu favoritismo imolou.

El rei ignora talvez, o que a estas horas está acontecendo no Porto, e oxalá que o grito **revolucionario**, que se ouve n'aquella cidade, não vá abrir um grande **abysmo** entre o povo que trabalha, para sustentar o **rei**, e entre **aquelle** que ignora ou finge ignorar a desgraça publica.

O Porto **revolucionou-se** contra as **infamias do governo**.

O Porto reage contras as **immoralidades governamentaes**.

O Porto vae emfim livrar Portugal mas depois de correr muito sangue, da administração **corrupta e venal** d'esses **maltrapilhos** que tanto teem concorrido para a desgraça do paiz.

Hoje que o **Porto** se mostra verdadeiramente patriótico, hoje que elle ousa oppor-se á continuação de tantos crimes, é necessario que todos nos unamos como um só homem, para ajudarmos os nossos irmãos na **patriotica e na sublime missão** de **corrermos** do poder a **malta desvergonhada** desses **ministros** sem honra e sem dignidade.

Chegou o momento do paiz se **revolucionar** contra tanta immoralidade e de exigir do **Rei de Portugal**, a **absoluta união**, com os homens verdadeiramente **honrados** que apenas ambicionam o bem estar da Patria.

E que o grito do povo seja:

Abaixo o governo.

Abaixo os venaes.

Abaixo os ministros corruptos que fazem concessões a troco de testamentos.

Abaixo o governo que deseja coarctar a liberdade do commercio dos vinhos.

A horda treme

Foi ordem para o Porto, de reforçar todos os regimentos d'aquella cidade!

O saltimbancos do poder têm medo, vergonha não.

E' que no **fundo das cuecas**, como dizia o celebre Emydio Navarro, já elles sentem o bico da bota da gente honesta, farta de ser **roubada**.

Fóra, malandros!

O governo não podendo dar a **outra metade** em metal sonante, porque se lhe **sumiu** nas mãos, e nas dos seus compadres (ha quem troque o verbo **sumir**, pelo verbo **roubar**), deu **metade** do discurso do deputado Laranjo — o maçador, ante-hontem, e a **outra metade**, hontem.

O publico, desejaria antes que em vez de lampas, apparecessem os **duzentos contos roubados**, **infamemente e**

descaradamente; mas os raios do dia-bo, dão-nos parola e mais parola. Nada mais!

ESCANDALO

N'um dos regimentos da capital, infantaria, 2, admittia-se que no cofre do conselho se recebessem cédulas em substituição de quantias saídas. Havia no cofre, segundo nos informam, uma cédula de 40\$000 réis que pertencia a um individuo que adoeceu, e o conselho reunido deliberou nomear um outro que fosse a casa do doente pedir-lhe a importancia que devia.

N'esta deliberação ha um attentado e uma insolencia. Attentado para com o devedor, que o conselho auctorizou, cuja melindrosa saude exigiria mais algum respeito, e violencia para o individuo encarregado de ir pedir uma divida que não era sua e que não tinha auctorizado. Passemos adiante.

O escolhido para tão ingrata missão ponderou respeitosa e repugnancia que lhe merecia o papel de que o incumbiam e preferiu propôr a accitação de uma nova cédula passada por elle, em substituição da cédula anteriormente existente.

E sabem o que fez o conselho? Aceitou a proposta e recebeu o nova cédula, mas... ficou com as duas.

Dada a hypothese de se tolerar o abuso da admissão de cédulas, parece que a segunda devia resgatar a primeira, mas não succedeu assim e o facto é que lá ficaram duas cédulas em vez de uma.

Quererá o conselho dispôr da *outra metade*?

O devedor, sabendo das vergonhas praticadas pelo conselho, mandou restituir a somma devida, em consequencia do que saiu então do cofre o par de cédulas que lá estava representando uma divida illegal.

Ora este facto é grave, — nós não chamamos para elle as attentões do sr. ministro da guerra porque seria prégar no deserto, — e poderá ser de consequencias desagradaveis no futuro, porquanto sabemos que o insolito proceder do conselho provocou a animadversão que não deve existir n'uma corporação militar em que o concurso leal de todas as individualidades se torna indispensavel para o bom desempenho do serviço.

A animadversão provocada deu origem ao isolamento quasi absoluto dos membros do conselho do resto da corporação, que com os seus superiores apenas se encontra para actos de serviço.

Sendo, como é, grave o que vimos de referir, symptomatico da decadencia social, estavamos no direito de exigir responsabilidades e de fazer as feonsiderações que o caso nos merecesse, mas prescimos relatar tudo com a simplicidade indispensavel ao esclarecimento do negocio, para que se não possa dizer que é nosso intento magoar e ferir.

Somos sempre pela verdade, nem outra é a indole d'este semanario, somos escravos d'ella e é por isso mesmo que por agora não seremos mais prolixos; se tivermos necessidade de voltar ao assumpto não pouparemos ninguem, e havemos de indicar quem são os primeiros responsaveis pelos abusos que merecem o ferrete do nosso stygma.

Não perderão com a demora.

Digno de imitar-se

O procedimento dos officiaes das duas baterias de artilheria, que se offerceram para fazer serviço em Africa, sem o classico posto de accesso.

O que é pena, é que não haja um governo que saiba aproveitar as boas disposições da briosa mocidade militar, e produza uma reforma do exercito do ultramar á altura da gravidade das circumstancias.

O D. Ressano y Garcia e o Castro, não são homens para isso.

As loterias do diabo

O governo fez-se cambista e fura-vidas. Com o bico doce dos **441 contos** dos tabacos, preparava-se já para uma nova e **infamissima** tramoia de **500 contos**, quando lhe foi posta a calva á mostra pelo deputado Arroyo.

A nova **trampolina** d'esses *fajardos* que estava na **forja**, era ainda mais lucrativa do que o **roubo** dos 441 contos. Era nada mais e nada menos do que o pagamento do **antigo papel moeda** de terrivel recordação, especialmente para os infelizes empregados publicos que o tinham de rebater, a 60, 70 e 80 por cento, quando recebiam os ordenados no fim do mez.

Este **grande negocião** foi posto de lado, por causa da descoberta da loteria dos tabacos em que todos os melros de bico amarello, tiveram grosso quinhão; mas esperem-lhe pela pancada: se os progressistas não forem corridos a pau, á vassourada como quem varre lixo, a tiro como quem limpa de feras o povoado, qualquer dia, mais **500 contos** serão **roubados** e irão fazer companhia aos 441 contos dos tabacos, nas algibeiras d'esses **mariolas**, d'essa **ci-ganagem immunda** que devia estar ha muito na **costa d'Africa** com escala pela **Penitenciaria**.

Na nova **loteria do diabo**, montada pelo governo, quando chegasse o dia feliz da **extracção da grande ladroeira do resgate do papel moeda**, haveria premios de **cem contos!**...

Premios de cem contos! Repare bem o povo.

Isto é inaudito!

Fóra, larapios!

A bahia de Tungue

Os arabes querem abotoar-se com a bahia de Tungue. Qualquer dia passaremos por mais essa humilhação.

Cem esses **mariolas**, esses **cynicos**, esses **devassos** e **ladrões**, que ahí mettem descaradamente as garras nos cofres publicos, não nos admirará que isso succeda.

Ainda veremos as nossas colonias apregoadas em leilão.

O povo tudo consentirá porque o têm reduzido ao embrutecimento mais espantoso.

Lourenço Marques

Bramam os *progressistas* com os *esquerdos* contra a transacta administração do sr. Pinheiro Chagas, o primeiro estadista que levou á nossa Africa o progresso e as vantagens da viação accelerada.

Mas bramam porque? Porque um *socialista progressista*—*esquerdo*, um pescador de *aguasturvas*, um visionario, mancomunado como sr. Marianno, renegando talvez da fé dos *seus principios*, se prestou a servir de joguete de interesses pequeninos para abocanhar uma honradez inppolluta, para ferir traiçoeiramente, n'um momento solemne, uma das individualidades mais proeminentes da politica portugueza.

Como o manejo se tornasse demasiadamente conhecido, por inhabil e pouco generoso, a maioria da imprensa do paiz não só o não tem acompanhado como tem stygmatisado quem não soube occultar tanta má fé e parcialidade. D'ahi nasceu o desvairamento dos *esquerdos* que contavam especular com a credulidade publica, que contavam attrair as iras populares sobre os adversarios leaes, a fim de lhe servirem de escudo na conquista das cadeiras do poder. Da escola progressista, estes *esquerdos*, não vacillam em desacreditar-se promovendo o descredito, como não hesitam em servir se de meios pouco dignos para a realisação do seu ambicionado sonho.

Mau nos parece o trilho de semelhante caminho, porque quem se não recommenda pelos principios que diz defender, quem precisa de despir a farda para vir á praça publica apedrajar os adversarios honrados, antes se expõe aos assobios dos garotos do que se torna credor da sympathia do publico.

Não se forma pela injuria um partido, nem se acredita pelo aleive,—organisa-se e evidencia-se pela propaganda de principios, pelo relevo das vantagens que o seu programma trará ao paiz, pela manifestação, em fim, da sinceridade das suas intenções. Proceder contrario, sem auctoridade nem justificação, revela falta de força, indica um egoismo censuravel, denota desorientação:—equivale a um suicidio antes mesmo de ter nascido.

Mas a infelicidade das negociatas *esquerdas* *progressistas* manifestou-se mais uma vez, e aquelles que quizeram lançar um labeo deshonoroso sobre o sr. Pinheiro Chagas, tiveram de ouvir reverentes a defeza insuspeita do actual ministro da marinha aos actos d'aquelle nobre character. Fique aqui bem publico, saiba o o paiz, só a má fé poderia accusar o ministro da marinha regenerador por ter feito a concessão do caminho de ferro de Lourenço Marques, e nas condições em que a fez, por quanto o **actual ministro progressista a reconheceu como boa e a defende como tal.** E' para que o paiz reconheça o quanto valem as atoardas dos embusteiros que pretendem illudil-o.

E a proposito d'esta questão já o sr. Ressano Garcia apanhou a primeira *picada*. O sr. Navarro

certamente tambem do conluio, disse no seu jornal, censurando o ministro do seu partido que teve a nobre independencia de desprezar os conspiradores o seguinte: *Ora adeus! Realmente, mais parecia, que quem estava nos bancos do governo era o sr. Pinheiro Chagas e não um ministro progressista.*

Ahi tem o publico a sinceridade dos truões que, quando não encontram caracteres pervertidos que os acompanhem, não hesitam em atirar uma navalha á traição, ainda mesmo aos seus melhores amigos! E' mais uma *faiantada* para juntar a tantas outras que teem arrastado os creditos do partido. O *crê ou morres* é o seu lemma, a infamia o seu principio, a mentira o seu fim.

Ninguém os acredita, digam o que quizerem, porque o paiz conhece-lhes as manhas e tem na verdadeira conta a *sinceridade* das suas opiniões.

Arre, tratantes!

Como elles confessam

Laranjo — o maçador, falando na camara dos deputados, ante-hontem, disse em resposta ao ponto do discurso de opposição do sr. Arroyo, que censurou as **fortunas rapidas** dos ministros progressistas e seus **banqueiros**, que lá fóra acontecia o mesmo!

Esqueceu se de acrescentar que no estrangeiro, esses individuos muitas vezes se sentavam no **banco dos réos**, como Wilson, o famigerado genro de mr. Grevy.

Mas como a consciencia não se apagou de todo em muitos homens que andam ás vezes de boa fé na politica, o sr. Laranjo, disse tambem que effectivamente elle estimaria mais vêr a riqueza distribuida com **maior equidade**, e não occultou que **estavamos atravessando uma época pouca sympathica.**

Quer dizer, traduzido em vulgar, que a **pouca vergonha** das **fortunas rapidas** dos srs. Mariano de Carvalho, Emygdio Navarro, marquez da Foz, H. Moser, e outros, que ainda hontem eram **uns pobretões**, revela o grau de desmoralisação profunda, a que baixou a sociedade portugueza, visto que, taes cousas tolera.

N'este ponto somos da opinião de Laranjo.

Tudo pede

A teta do thesouro é inexgotavel. Até os officias da marinha mercante, querem uma dotação, como o clero, isto é, querem ser empregados publicos!

E não querem mais nada!

O paiz está pobre e arruinado, e não póde pagar a tanta gente.

Um hespanhol que ha 15 annos, veio a Portugal, e escreveu um livro intitulado—*Do Porto a Lisboa*, admirava-se do grande numero de empregados publicos que havia n'este paiz, *apesar de*

serem bem mal pagos; se o illustre caramba, voltasse agora e visse a nurem de empregados que *mestre* Mariano e o *refilão* Navarro, enfiaram nas alfandegas e obras publicas, e tivesse conhecimento dos vastos projectos dos outros ministros, diria que estamos doidos.

Pois não seria melhor que tratassemos quanto antes, de reformar as nossas pautas, desenvolver o commercio, abrir estaleiros, crear uma poderosa marinha mercante, espalhar o ensino profissional, enstruir **solidamente e praticamente** os nossos artistas e operarios?

Diabo! a cousa não é bicho de sete cabeças; faz-se lá fóra. A orientação dos governos mais aristocratas como o da Allemanha, e a dos mais democratas, como os da America, não é outra.

Depois d'isto, não veriamos o triste espectáculo, das corporações particulares, quererem incorporar-se á mesa do orçamento.

Porque, lembrem-se de uma cousa—se toda a gente quizer **tirar** ordenados do thesouro, quem é no fim de contas, que hade **enchel-o**?

Ora graças ás cabaças!

Já nos jornaes appareceu um annuncio da **grei milicia**, preveniundo os expositores de *tijolos e fato feito*, etc, de que não retirando aquellas *bellezas* da sua *adiantada* industria, dos pavilhões da Avenida, *tudo aquillo* irá parar aos asylos.

Aos asylos, é um pouco forte. *C'est trop fort, monsieur Milicio!*

Vá porem para os asylos ou para os barris do lixo, o que se que é a Avenida desimpedida, e que *monsieur le vicomte*, e os outros, não se mettam mais em cavallarias altas.

A attitude do Porto

Os negociantes de vinhos do Porto, resolveram pela segunda vez fechar os armazens de Gaya e despedir os operarios.

D'esta vez, desilludidos das **mentiras** d'esses **farçantes** que ahi se sentam nos bancos do poder, parece que estão resolvidos a ir **ás do cabo.**

E era uma vez um ministerio progressista. E d'ahi, talvez o governo **fique**, porque os **de-vassos** de que se compõe, como não têm **vergonha**, hão de cair de joelhos novamente diante dos negociantes de vinhos, pedindo **misericordia.**

A que tempos chegámos, santissimo nome de Christo!

Nunca se viu em Portugal, o poder executivo, pelas ruas da amargura, como agora.

Nunca!